

## UMA ABORDAGEM SOBRE O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS EM PACIENTES PORTADORES DE HAS: UMA REUNIÃO DE INFORMAÇÕES DA LITERATURA CIENTÍFICA

Andressa Nayara Gomes de Medeiros<sup>1</sup>  
Alison Pontes da Silva<sup>2</sup>  
Júlia Beatriz Pereira de Souza<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A hipertensão arterial sistêmica (HAS), é uma doença crônica multifatorial, que se caracteriza pelos portadores apresentarem níveis pressóricos constantemente elevados, fora da normalidade, onde pressão arterial (PA) sistólica possui valores >140mmHg e PA diastólica >90mmHg. Dentre os fatores ligados a doença, destaca-se o sedentarismo, mal alimentação, obesidade, tabagismo, dislipidemia, estresse, idade, entre outros. A HAS além de reduzir qualidade de vida dos indivíduos, está entre as doenças crônicas mais prevalentes da atualidade. Em meio a esse contexto, no território brasileiro, estima-se que cerca 15 a 30 milhões de indivíduos sejam hipertensos, ou seja, cerca de 10 a 20% da população. Outro dado aponta ainda, que ocorre prevalência de 32% na população adulta, sendo esta, a representante do maior número de mortes pela doença no país. Em relação a crianças e adolescentes relata-se um percentual de 7%, em idosos 65%, e em mulheres com idade acima de 75 anos pode atingir até 80% (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA, 2016).

A maior parcela dos indivíduos portadores de HAS não apresenta sintomas, e para auxiliar ao controle dos níveis pressóricos, existem algumas abordagens quanto a terapia. Em relação a abordagem terapêutica farmacológica, existe diversas classes de fármacos, como diuréticos, simpaticolíticos, vasodilatadores, bloqueadores dos canais de cálcio, inibidores da enzima conversora de angiotensina (ECA) e bloqueadores do receptor de angiotensina II. No que diz respeito a abordagem terapêutica não farmacológica, se destaca atividade física e regime dietético com redução de ingestão de sódio e lipídeo. Existe também uma abordagem complementar, que consiste na utilização de plantas medicinais, sendo administradas na forma de infusos e/ou macerações, seja na prevenção da elevação da pressão arterial ou na tentativa de redução dos valores pressóricos que já se encontram elevados. (FARIAIS et al., 2016; ALVES; SANTOS, 2016; MEIRA et al., 2017). De acordo com Virgínio et al. (2018), existem poucos estudos discutindo o uso de plantas medicinais por pacientes com HAS.

A ocorrência do uso de plantas para fins medicinais, existe há muito tempo com diversas finalidades, tais como profilaxias, melhorias de enfermidades, tratamento em doenças mentais etc., também conhecida como medicina alternativa (ALMEIDA, 2016). No que se refere ao uso de plantas medicinais, em países em desenvolvimento, cerca de 65-80% da população depende exclusivamente das plantas medicinais para cuidados básicos de saúde.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [andressanayara9@hotmail.com](mailto:andressanayara9@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Farmácia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [alisonpds2@gmail.com](mailto:alisonpds2@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora orientadora: Doutora em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [juliabtriz@gmail.com](mailto:juliabtriz@gmail.com)

Vale destacar que a população africana depende quase 80%, e população do Chile e Colômbia 71% e 40% respectivamente (AGRA et al., 2008).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) vem incentivando o desenvolvimento de políticas públicas que enfatizem o uso de plantas medicinais no tratamento de doenças, destacando a importância da necessidade de novas pesquisas e estudos com as mesmas (MEIRA et al., 2017). Outra questão que também deve ser abordada e ressaltada, é o confundimento que tem sido observado mediante conceitos e aspectos gerais entre plantas medicinais e fitoterápicos, uma vez que são distintos em diversos aspectos, a exemplificar, a manipulação (VIRGÍNIO et al., 2018).

Uma grande preocupação existente atualmente, advém do achismo de usuários baseada na falsa ideia de que o uso de plantas medicinais é isento de efeitos tóxicos ou colaterais, por ser algo “natural”, dessa forma, usuários tendem a não relatar uso aos prescritores. Existem inúmeros estudos que relatam uso, efeitos, toxicidade das plantas etc., no entanto, produções científicas no que diz respeito a forma de administração, e como profissionais de saúde devem se capacitar para auxílio aos usuários do SUS, é precária (FARIAIS et al., 2016; VIRGÍNIO et al., 2018).

Segundo Alves e Santos (2016) a produção de metabólitos secundários é o responsável por produzir propriedades anti-hipertensivas em plantas, e a ação acontece por diversos mecanismos. Sendo assim, torna-se essencial um estudo que reúna informações acerca do uso popular correlacionando com estudos farmacológicos, avaliações de ensaios e efeitos, assim como famílias e espécies que se destacam. O presente trabalho, tem por finalidade reunir informações acerca das plantas medicinais conhecidas e ou utilizadas com finalidade anti-hipertensiva, contribuindo como guia para delineamento de futuras pesquisas.

## METODOLOGIA

O presente estudo se trata de uma revisão literária que busca reunir informações acerca do seguinte eixo temático: plantas medicinais utilizadas por portadores com HAS. Para auxiliar a pesquisa, num primeiro momento os Descritores em Ciências e Saúde (DECs) foram consultados, através da opção “palavra ou termo”, sendo as palavras chaves definidas, a saber: plantas medicinais, hipertensão, terapia complementar assim como seus correspondentes em inglês. As buscas ocorreram via internet por trabalhos indexados no banco de dados do Google Acadêmico e Scielo, onde se buscou através das combinações “plantas medicinais” “hipertensão” utilizando o operador booleano “e”, sem restrição de tempo, resultando em aproximadamente 133.000 resultados, utilizando como critério de inclusão, o trabalho que contemplasse a mesma temática. O critério de exclusão foi trabalhos que não contemplassem o tema supracitado ou que fugissem completamente do mesmo. Foram observados trabalhos relatando uso de plantas medicinais em diversas doenças crônicas onde a hipertensão não foi o alvo principal. As pesquisas se seguiram, utilizando restrição de tempo entre 2015-2019 com a utilização dos correspondentes em inglês e aproximadamente 17.400 resultados foram carregados. Por fim, pesquisou-se com uso de restrição de tempo através das combinações dos descritores plantas medicinais, hipertensão e terapia complementar. Ambas pesquisas supracitadas utilizaram o mesmo critério de inclusão e exclusão aqui exposto. Foram 13 trabalhos selecionados entre esses, há artigos em português, inglês e monografia.

Vale a pena destacar alguns estudos, como o realizado por Almeida (2016) que apresenta relevância etnofarmacológica, avaliando estudos clínicos randomizados e não randomizados com eficácia para avaliação da sua prática clínica através do uso tradicional, utilizando a metodologia da escala Jadad, pelo CONSORT para os ensaios, sob avaliação de Cochrane; outro estudo bastante relevante foi realizado por Mariani et al (2016) avaliando parâmetros de pressão arterial de ratos espontaneamente hipertensos (SHR) seguindo os protocolos experimentais aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Animais Experimentais da Universidade Federal do Espírito Santo (nº 28/2015); e por fim Virgínio et al (2018), realizou estudo transversal, utilizando para análise descritiva e inferencial dos dados o programa *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 20.0.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os estudos, Alves e Santos (2016) mais de 60 plantas foram pesquisadas, no entanto quatro possuíam dados de comprovação científica através na literatura com potencial terapêutico. São elas: *Allium sativum* família Liliaceae, *Rosmarinus officinalis* família Lamiaceae, *Anethum graveolens* família Apiaceae, e *Sambucus australis/Sambucus nigra* família Adoxaceae. Dentre as famílias, se destacam Lamiaceae e Asteraceae (BATTIST et al., 2013; FARIAIS et al., 2016; AHMADI et al., 2016).

*A. sativum*, ou popularmente alho, é relatado à utilização do bulbo in natura ou em infusão, possuindo diversas ações tais como: ação hipotensiva por causar vasodilatação e bradicardia, ação diurética e antagonista da atividade da enzima conversora de angiotensina (ECA). O alho ocasionou diminuição da PA sistólica e diastólica, de maneira dose-dependente com efeitos semelhantes ao Atenolol (AGRA et al., 2008; ALVES; SANTOS, 2016). Vale a pena destacar que o enxofre está entre os responsáveis pelo efeito cardioprotetor (AHMADI et al., 2016; MEIRA et al., 2017; TEIXEIRA, 2011).

*A. graveolens*, popularmente conhecida como endro, através da utilização das suas falsas sementes, ou esquizocarpos, de odor agradável, foi descrito detrimento de ação hipotensora diurética, comprovada por um estudo com uso em cães (ALVES; SANTOS, 2016).

*R. officinalis*, conhecida como alecrim, possui odor aromático forte, e suas folhas e flores vem sendo utilizadas, por diferentes vias de administração. Infere-se ação anti-hipertensiva por efeito diurético e inibição de ECA. Segundo ensaios, o extrato aquoso apresentou em ratos, aumento de diurese após 5 dias de uso, junto com depleção de sódio, potássio e cloreto ao sexto dia, com uso de 10mL/Kg. Já para estudo de efeito de extrato hidroalcoólico, apresentou aumento da diurese dentro de 24 horas, numa posologia de 200 mg/kg (AGRA et al., 2008; ALVES; SANTOS, 2016; TEIXEIRA, 2011).

*S. australis/S. nigra*, ou sabugueiro, são espécies semelhantes, que diferem na morfologia foliar. Um estudo mostrou que o extrato aquoso das flores de *S. nigra* apresentou ação biológica diurética em ratos concomitante a depleção de sódio e potássio, semelhante ao fármaco Hidroclorotiazida, em quantidade de cerca de 50 mg/Kg. Também foi relatada avaliação do uso de extrato polifenólico do fruto de *S. nigra* com o medicamento Alisquireno. O resultado apresentado foi ação sinérgica, onde houve como resultado tanto abaixamento da PA sistólica quanto PA diastólica. Em relação *S. australis*, comprova-se ação em dislipidemias podendo está diretamente relacionada com ação em indivíduos hipertensos, visto ser um dos fatores ligados a HAS (ALVES; SANTOS, 2016).

Outro dado nos aponta pesquisa realizada com 172 pacientes com HAS usuários do SUS, resultado de 39,5% desses, utilizarem plantas medicinais para controle de PA. Também foi descrito uso concomitante ao medicamento, a saber: uso de chuchu e captopril (30,8%) e chuchu e hidroclorotiazida (29,4%). A ação anti-hipertensiva do chuchu (*Sechium edule*) foi descrita através de testes pré-clínicos, onde a polpa e a casca dos frutos podem explicar sua utilização e que o efeito hipotensor parece estar associado ao efeito vasodilatador obtido do extrato hidroalcoólico da raiz desta planta. No que se refere á forma de preparo, foi decoção e suco do fruto completo (BATTIST et al., 2013; SANTOS, 2015).

Existe escassez de estudos nas regiões Norte e Nordeste do Brasil quando se compara as regiões Sul e Sudeste. Estudo realizado por Virgínio et al (2018) em Fortaleza, Ceará, descreve uso de plantas medicinais em pacientes com hipertensão e diabetes. Em conformidade com outro estudo, a predominância ocorreu em pessoas do sexo feminino, acima de 60 anos e de baixa escolaridade. Tal fato pode ser explicado pelo fato da transmissão de conhecimento entre as gerações e facilidade do acesso às plantas. Pesquisadores afirmaram também, que maior parcela dos participantes não informa sobre o uso, assim como os médicos não questionam sobre tal (VIRGÍNIO et al., 2018).

Outra vertente analisada foi a realização de uma revisão sistemática de ensaios clínicos randomizados, por Almeida (2016), onde se pesquisou plantas medicinais com potenciais efeitos na HAS, diabetes *mellitus* e dislipidemia. Sobre as intervenções realizadas no estudo, 63,1% realizaram teste com planta e dose conhecida da erva, e 36,9% suplementaram na dieta dos indivíduos. No que se refere aos desfechos apresentados e correlacionando com informações já expostas no presente trabalho, foi realizado estudo com o alho, através do método não randomizado, com um total de participantes de 210, sendo 150 pacientes e 60 controle, distribuídos em cinco grupos, administrando-se comprimidos de alho nas doses de 300, 600, 900, 1000, 1200, 1500 mg em doses divididas por dia. Foi obtido como resultado efeitos hipotensores significativos em comparação ao placebo e comparável ao Atenolol. Em tal estudo não foi relatado limitações e a pontuação atribuída pelo CONSORT foi de 50%. É importante ressaltar que pode ser inferindo como estudo não válido ou de baixa utilização devido à adoção de metodologia não randomizada, uma vez que a escala Jadad considera estudos randomizados entre níveis mais altos de evidências, pontuou tal estudo em zero. No entanto, existem diversos estudos que comprovam eficácia dessa planta medicinal. É importante que se avalie todos os vieses que estão sendo colocados em pauta (ALMEIDA, 2016).

Outra planta também testada foi a pitanga, *Eugenia uniflora*, a fim de se obter informações sobre suas ações. Para concretização do estudo foi utilizado ratos espontaneamente hipertensos (SHR) machos, divididos em grupos e tratados com extrato hidroalcoólico das folhas de *Eugenia uniflora* diariamente, por gavagem, durante 28 dias. Para avaliação dos efeitos sobre a pressão arterial de SHR, foi realizada medição direta de pressão arterial por cateterização da artéria carótida direita. Como resultados observou-se um efeito inotrópico no coração, e diminuição das PA sistólica, diastólica e média. Em consonância, também foi relatada atividade anti-hipertensiva com extrato de *Eugenia uniflora*, capaz de diminuir a pressão arterial de ratos normotensos anestesiados, influenciando em efeito direto sobre o músculo liso vascular (MARIANI et al., 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode ser percebido diversos vieses que devem ser preenchidos, tanto com pesquisas como com disseminação de informações. Um desses é o etnobotânico para subsidiar estudos experimentais que esclareçam o potencial terapêutico destas plantas medicinais e assim, exacerbem as opções terapêuticas para tratamento. Com relação ao uso concomitante ao tratamento alopático, as plantas podem realizar efeito sinérgico, podendo proporcionar diversas possibilidades, como diminuição de doses dos medicamentos convencionais, tornando-se claro que a junção das duas terapias, convencional e alternativa, de forma orientada e responsável, poderia trazer inúmeros benefícios para a comunidade. Por outro lado, também pode ocorrer interações entre os mesmos, e ocasionar efeitos indesejáveis. Logo, o uso de plantas medicinais como coadjuvante no tratamento da hipertensão requer estudos farmacológicos preliminares do quadro clínico de cada paciente, por profissionais habilitados. Vale lembrar que apesar da tradicionalidade de uso de plantas medicinais, existe a necessidade da preparação dos profissionais de saúde em relação a orientação aos usuários de plantas medicinais.

**Palavras-chave:** Hipertensão, Plantas medicinais, Terapias Complementares.

## REFERÊNCIAS

AGRA, M. F.; SILVA, K. N. BASÍLIO, I. J. L. D.; FREITAS, P. F.; BARBOSA-FILHO, J. M. Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 3, p. 472-508, July/sept., 2008.

AHMADI, B. B.; BAHMANI, M. TAJEDDINI, P. KOPAEI-RAFIEIAN, M.; NAGHDI, N. An ethnobotanical study of medicinal plants administered for the treatment of hypertension. **Journal of Renal Injury Prevention**. v. 5, n. 3, p. 123-128, Sept., 2016.

ALMEIDA, F. M. **Plantas medicinais com potencial de tratamento na hipertensão arterial sistêmica, diabetes mellitus e dislipidemia:** uma revisão sistemática de ensaios clínicos. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

ALVES, M. C.; SANTOS, C. P. F. Plantas medicinais utilizadas no tratamento da hipertensão arterial no município de Cuité-PB. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE, 2., 2017, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Editora Realize, v. 1, p. 1-12, 2017. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO\\_EV071\\_MD1\\_SA3\\_ID731\\_15042017110512.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/conbracis/trabalhos/TRABALHO_EV071_MD1_SA3_ID731_15042017110512.pdf)>. Acesso em: 17 jul.2019.

BATTIST, C.; GARLET, T. M. B.; ESSI, L.; HORBACH, R. K.; ANDRADE, A. D.; BADKE, M. R. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências Brazilian Journal of Biosciences**. v. 11, n. 3, p. 338-348, jul./set. 2013.

FARIAIS, D. S.; FERREIRA, P. A.; OLIVEIRA, V. J. S.; BRITO, N. M. Uso de plantas medicinais e fitoterápicos como forma complementar no controle da hipertensão arterial. **Revista de Biologia & Farmácia e Manejo Agrícola**, v. 12, n. 3, p. 1-13, 2016.

LOPES, G. A. D.; FELICIANO, L. M.; DINIZ, R.E. D. S.; ALVES, M. J. Q. D. F. A. Plantas medicinais: indicação popular de uso no tratamento de hipertensão arterial sistêmica (HAS). **Rev. Ciênc. Ext.** v. 6, n. 2, p. 143-155, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134426/ISSN1679-4605-2010-06-02-143-155.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 06 Ago. 2019.

MARIANI, N. A. P.; RANGEL, K. S.; SOUZA, E. N.; SILVA, D. C. F.; MEIRA, E. F.; PADILHA, A. S.; SEVERI, J. A.; SIMAN, F. D. M. Efeitos do extrato de *Eugenia uniflora* sobre os parâmetros hematológicos e pressão arterial de ratos hipertensos. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO E ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 20, 16, 6, 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Universidade do Vale do Paraíba, p. 1-6, 2016. Disponível em: <[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2016/anais/arquivos/RE\\_1177\\_1411\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2016/anais/arquivos/RE_1177_1411_01.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2019.

MEIRA, E.; KLOSTER, E. F.; KOSAK, J. M.; KOLITSKI, M. F.; CUTILAKI, V. B.; MAZUR, C. E. O uso de fitoterápicos na redução e no tratamento de hipertensão arterial sistêmica. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11, n. 37, p. 27-36, 2017.

NUNES, M. G. S., BERNARDINO, A. D. O.; MARTINS, R. D. Uso de plantas medicinais por pessoas com hipertensão. **Rev Rene**, v. 16, n. 6, p. 775-781, nov./dez., 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324043261002>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA. 7ª Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 107, n. 3, supl. 3, 2016. Disponível em: <[http://publicacoes.cardiol.br/2014/diretrizes/2016/05\\_HIPERTENSAO\\_ARTERIAL.pdf](http://publicacoes.cardiol.br/2014/diretrizes/2016/05_HIPERTENSAO_ARTERIAL.pdf)>. Acesso em 30 jul. 2019.

TEIXEIRA, KATRINE. **Plantas medicinais que podem causar alteração na pressão arterial e interação com anti-hipertensivos**. 2011. 33f. Monografia (Grau em Farmácia Generalista), Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/618/1/Katrine%20Teixeira.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2019.

VIRGÍNIO, T. B.; CASTRO, K. S.; LIMA, A. L. A.; ROCHA, J. V.; BONFIM, I. M.; CAMPOS, A. R. Utilização de plantas medicinais por pacientes hipertensos e diabéticos: estudo transversal no Nordeste brasileiro. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 4, p. 1-10, out./dez., 2018.